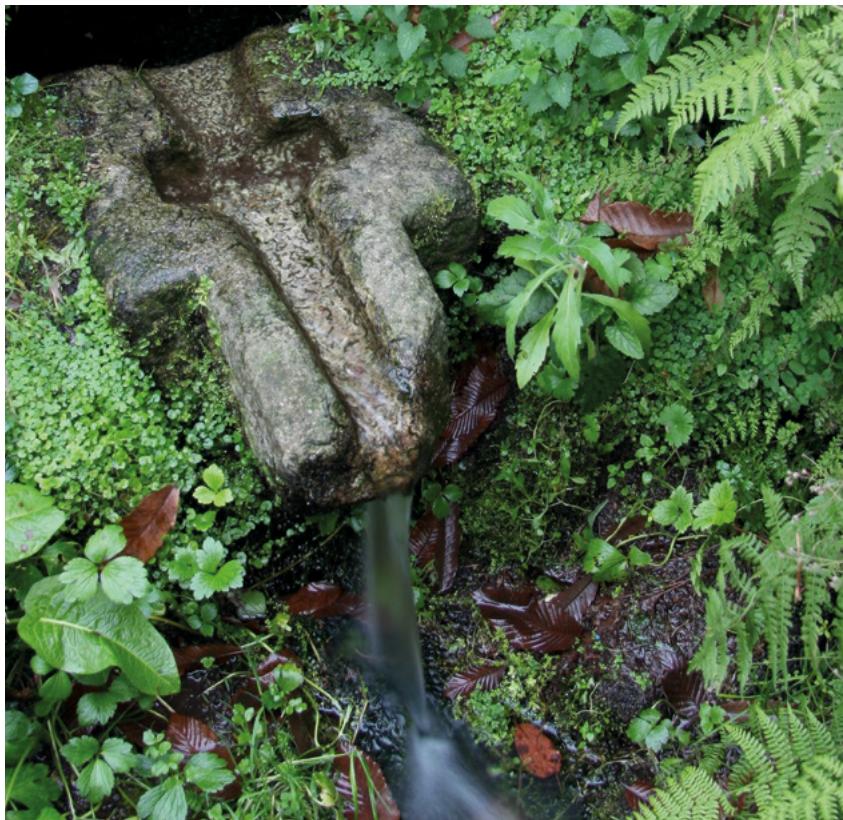


## Fontes e fontanários da freguesia de Lustosa (Lousada): contributos para o inventário do património imóvel.



Na freguesia de Lustosa, como noutras áreas do concelho de Lousada, abundam as denominadas "construções utilitárias" que integram diferentes tipos de infraestruturas e mobiliário. No caso em apreço o breve estudo que agora se apresenta foi dedicado ao inventário das fontes e fontanários da freguesia de Lustosa, um património disperso, nem sempre relevado, mas que marca um período longo da história local durante o qual, na ausência de infraestruturas de abastecimento de água canalizada às populações, constituíram o único elemento de apoio para garantir o fornecimento "estruturado" de água para consumo humano. Tornadas obsoletas após a criação das redes de abastecimento de água tratada, as fontes e fontanários fazem, ainda assim, parte do imaginário coletivo que importa conhecer e conservar.

---

### Texto e Fotografia

Manuel Nunes  
Arqueólogo  
[manuel.nunes@cm-lousada.pt](mailto:manuel.nunes@cm-lousada.pt)

Paulo Lemos  
Arqueólogo  
[paplemos@gmail.com](mailto:paplemos@gmail.com)

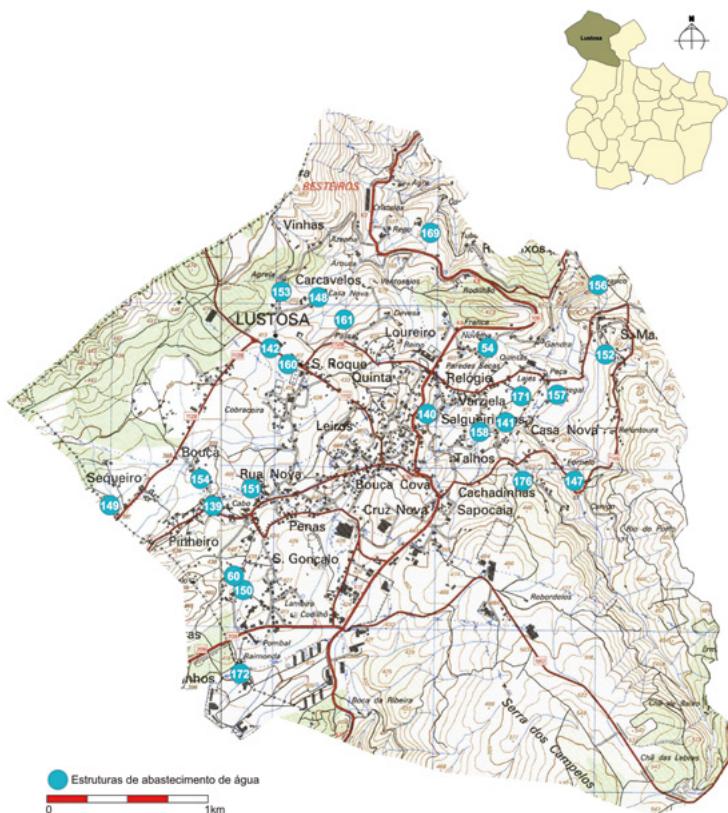
Desde o surgimento dos primeiros processos mentais humanos que abordam o tema do sobrenatural, da superstição e do religioso, que o mistério da água, entendida como dadora da vida e geradora de fertilidade, esteve certamente muito presente nas diferentes sociedades (Matilla *et al.*, 2005:163). Em muitos casos, o estreito vínculo entre a água e o sagrado manteve-se vivo até aos nossos dias, nomeadamente no simbolismo criado em torno de fontes lendárias, cuja designação, conquanto variável, conserva o seu carácter alegórico de transfiguração dos limites da condição humana: *fonte da vida, fonte da eternidade ou fonte da juventude, ou ainda fonte do ensinamento*. A sacralização das fontes é, pois, universal, uma vez que estas constituem a boca da água viva ou da água virgem. Através delas dá-se a primeira manifestação, no plano das realidades humanas, da matéria cósmica fundamental, sem a qual não poderiam ser garantidas a fecundação e o crescimento das espécies. A água viva que elas deitam é, como a chuva,

o sangue divino, o sêmen do céu. Constituem um símbolo da maternidade, por isso são, muitas, vezes protegidas, por crenças e superstições (Chevalier e Gheerbrant, 2010:334-335).

Na sua expressão mais elementar os pontos de recolha de água para consumo correspondiam a nascentes de água permanente (fontes ou mães de água) onde a água era recolhida num vasilhame diretamente a partir de uma fenda no solo. Por forma a permitir uma melhor captação e recolha da água por parte das populações humanas, estas fendas foram sendo estruturadas de formas distintas, mediante a orografia do espaço e a utilização pretendida.

Assim, as fontes tanto podiam ostentar um silhar (ou tronco de madeira) com um canal escavado em forma de meia cana destinado a criar um ponto de queda (*bica*) que permitisse manter a água corredia e, simultaneamente, garantisse a sua recolha livre de impurezas, como podiam represar a água diretamente numa cova pouco profunda (*chafurdo*), por vezes estruturada com pedra, de modo a permitir que nela fossem mergulhadas as vasilhas destinadas à recolha da água. Embora uma e outra forma correspondam ao mesmo ideário de fonte, isto é, *local de abastecimento de água para consumo humano*, recebem designações, naturalmente, diferentes. A primeira, por formar uma bica de água, recebeu o nome de *Fonte de Bica*, enquanto a segunda, pela represa que cria para mergulhar os recipientes, recebeu a terminologia de *Fonte de Chafurdo* ou de *Mergulho* (Nunes e Lemos, 2013:131-134).

À medida que o acesso a modos de vida comunitária mais evoluída permitiu o domínio e o controlo da água de nascente ou de mina, trazendo-a para perto dos espaços de *habitat*, assistiu-se ao surgimento de novas estruturas de abastecimento público de água. Apesar de comumente *fonte, fontanário* (ou *fontenário*) e até *chafariz*, serem indistintamente utilizados para designar um ponto de captação de água para consumo, subsistem diferenças importantes entre cada uma das designações (Lemos, 2004:13-15). Com efeito, se as fontes estão associadas diretamente às nascentes e, na sua essência, correspondem a locais onde a água emerge e é recolhida diretamente a partir do substrato natural, a expressão *fontanário* designa uma fonte artificial (coluna



**Figura 1** Localização das Estruturas de Abastecimento de Água (Fontes e Fontanários) na freguesia de Lustosa. Excerto da Carta Militar de Portugal, IGE. Escala 1:25 000. Folhas n.ºs 98 e 99.



**Figura 2** Fonte da Justa (LUS139).

de água potável em bilhas ou cântaros de barro. De tal modo esta labuta se tornou cultural e imperativa na sobrevivência quotidiana que no rol de 60 questões elaboradas para o Inquérito Paroquial de 1758, uma versava a existência de fontes na terra – 23. *Se há na terra ou perto dela alguma fonte, ou lagoua célebre e se as suas águas tem alguma especial qualidade?*

Se é um facto que a maioria dos memorialistas do concelho de Lousada, incluindo o de Lustosa, se limitou a ignorar a questão, certamente pela inexistência de pontos de água com especial crédito, os párcos de Santa Maria de Sousela e de Santa Eulália da Ordem referiram-se com especial ênfase à Fonte de Sam Christovão, junto à margem do rio Mezio, na freguesia de Sousela (Lousada). Relata o abade da Ordem, Pantaleão Machado Abreu da Silva, o seguinte: *Na freguezia de Santa Maria de Souzaella, vezinha desta, há huma fonte ao pé da capella de Sam Christovão, que por vertude do dito sancto, se diz que muitas pessoas saram, lavando-se com a dita agoa. E se chama a Fonte de Sam Christovão dos Milagres* (Capela, 2009:321). A propósito da mesma fonte, acrescenta o abade Sebastião Pinto de Macedo (Sousela), o seguinte: *(...) debaixo da qual [Capela de São Cristóvão] sahe hua grande fonte que lanssa por três biquas* (Capela, 2009:328).

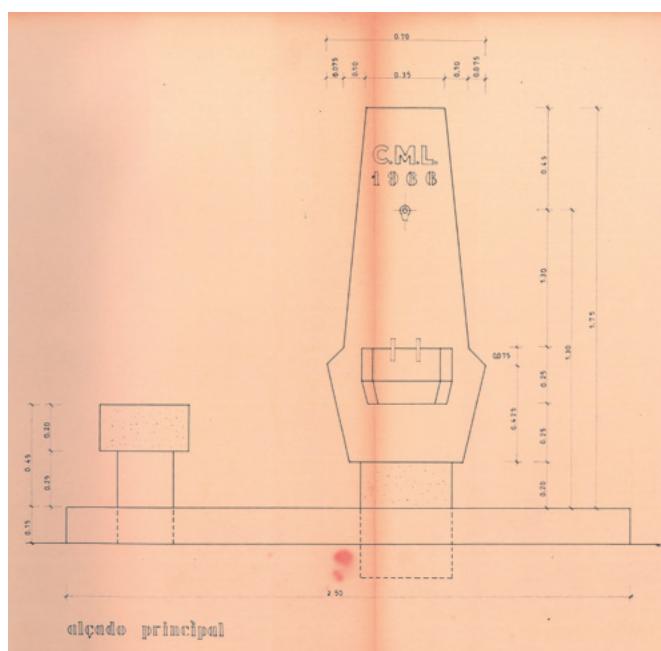
Apesar da escassez de informações relativamente às fontes existentes no concelho de Lousada, e em concreto na freguesia de Lustosa, a leitura dos livros atas da Câmara Municipal de Lousada do século XIX e XX permite perceber, ainda que de forma indireta, a importância primordial destas estruturas no quotidiano concelhio. Efetivamente, são recorrentes as petições aos sucessivos executivos para colocação/reparação de fontes e fontanários, sobretudo nas freguesias rurais, tal como são frequentes as ofertas à Câmara de pontos de água para que esta procedesse à colocação de fontanários públicos. Reiteradas são igualmente as despesas relativas à reparação destas estruturas, em especial após os meses de inverno, altura em que muitas delas ficam atarradas ou atulhadas e, por isso, impossibilitadas de fornecerem água potável.

Em 1990 a Câmara Municipal de Lousada (AML, Relação...1990:1-8) procedeu ao registo de todos os fontanários públicos existentes no seu território, tendo sido inventariados 227 nas diversas freguesias do concelho. Destes, 21 correspondiam a pontos de água na freguesia de Lustosa. Apesar de incompleto<sup>1</sup>,

ou pilastra provida de torneira ou cano) onde a água encanada diretamente da nascente ou de uma mina se disponibiliza para o abastecimento público de água. Por seu lado, o termo *chafariz* emprega-se para designar fontanários com várias bicas e de construção mais ou menos artística e/ou monumental.

Ao longo dos séculos as fontes foram-se revelando espaços fundamentais para a vivência diária das comunidades urbanas e rurais. Fosse como local de obtenção de água para beber, lavar ou cozinhar, fosse como ponto de encontro para conversas ou troca de informações, fosse ainda como lavadouros que, em grandes tanques recolhiam a água antes desta ser utilizada para a rega, estes espaços públicos moldaram um imaginário coletivo pontuado pelo vai e vem diário de mulheres e crianças para a recolha

<sup>1</sup> Relativamente à freguesia de Lustosa, por exemplo, os autores identificaram 23 fontes/fontanário.



**Figura 3**  
Fontanário do adro (LUS142),  
à esquerda.

**Figura 4**  
Projeto do modelo de  
fontanário utilizado em  
Lousada no *Plano de obras  
públicas comemorativo: 1966*.  
(AML, Beneficiação de Fontes  
Públicas, 1966), à direita.

o registo permitiu uma aproximação à relação existente entre a distribuição dos pontos de água e os núcleos habitacionais existentes na freguesia, verificando-se uma apreciável concentração destas estruturas na parte alta da freguesia e uma menor concentração na parte baixa, tanto no vale do Rio de Porto, como no Ribeiro do Barroco. Das 21 estruturas de abastecimento de água, 19 correspondiam a *Fontes de Bica*, e apenas 2 a *Fontes de Chafurdo*, facto que nos remete, então, para estruturas construídas (ou reedificadas) durante a época Contemporânea e que, no geral, não recuam para além da centúria de Oitocentos. Curiosamente, ambas as fontes de chafurdo mencionadas no rol da autarquia estavam destruídas à data do actual inventário, razão pela qual não foi possível a sua análise formal. Por outro lado, o facto de muitos dos fontanários ostentarem, quer inscrições e/ou datas, quer padrões arquitetónicos claramente identificativos de uma certa época, permitiu *reconstruir* o seu percurso histórico na freguesia de Lustosa. Assim, embora de iniciativa particular, a Fonte do Malhão, que nunca chegou a entrar em funcionamento, é claramente a estrutura que apresenta uma cronologia firmada mais antiga, datando de 1895. Segue-se a Fonte da Justa, com a data de 1908. Em 1939, a Câmara Municipal instala um fontanário junto à Casa do Pedregal, inaugurando um período longo de colocação de fontanários na freguesia: fontanário de Leirós, em 1945 e o conjunto dos fontanários do Adro, Caniços, Figueiras e Bouça, estes último em 1966 ao abrigo do «*Plano de Obras Públicas Comemorativo – 1966*» integrado no plano nacional das comemorações do 40º aniversário do Movimento de 28 de Maio (Portugal... 1966, 1, p.13) cujo intuito, em matéria de beneficiação de fontes públicas era libertar o país "desse estigma de atraso [a persistência das fontes de chafurdo ou mergulho] que põe em perigo a saúde e mesmo a vida dos habitantes de núcleos populacionais mais ou menos consideráveis, sobretudo nas aldeias mais afastadas



**Figura 5** Fontanário do Pedregal (LUS157).

Cód. Inv.	Nome	Localização		Tipologia	Data	Motivos Gravados
		Latitude	Longitude			
LUS 54	Fonte das Quintãs	41°20'15.1"	08°18'12.3"	Fonte de bica	Ind.	Cruz latina
LUS 60	Fonte do Malhão	41°19'29.4"	08°19'23.4"	Fontanário	1895	
LUS 139	Fonte da Justa	41°19'44.9"	08°19'28.4"	Fonte de bica	1908	«R»
LUS 140	Fonte de Leirós	41°20'03.3"	08°18'30.4"	Fonte de bica	1945	«CML»
LUS 141	Fonte das Lameirinhas	41°20'01.3"	08°18'09.5"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 142	Fontanário do Adro	41°20'17.8"	08°19'41.3"	Fontanário	1966	«CML»
LUS 147	Fontanário de Caniços	41°19'50.6"	08°17'53.3"	Fontanário	1988 [1966]	«CML»
LUS 148	Fonte de Carcavelos	41°20'27.6"	08°19'01.4"	Fonte de mergulho	Ind.	
LUS 149	Fontanário das Figueiras	41°19'45.9"	08°19'55.8"	Fontanário	1966	«CML»
LUS 150	Fonte de São Gonçalo	41°19'28.7"	08°19'22.0"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 151	Fonte d'Aldeia (ou Souto)	41°19'48.3"	08°19'18.7"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 152	Fonte de São Mamede	41°20'14.7"	08°17'44.3"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 153	Fonte d'Agrela	41°20'28.5"	08°19'11.3"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 154	Fontanário da Bouça	41°29'50.4"	08°19'31.3"	Fontanário	(1966?)	
LUS 156	Fonte do Franco	41°20'30.1"	08°17'46.6"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 157	Fontanário do Pedregal	41°20'07.2"	08°17'56.5"	Fontanário	1939	«CML»
LUS 158	Fonte das Varzielas	41°19'59.7"	08°18'17.8"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 160	Fonte de São Roque	41°20'13.9"	08°19'09.3"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 161	Fonte da Devesa	41°20'22.6"	08°18'55.0"	Fonte de mergulho	Ind.	
LUS 169	Fonte de Cristelo	41°20'40.5"	08°18'31.7"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 171	Fonte do Outeiro	41°20'06.3"	08°18'08.5"	Fonte de bica	Ind.	
LUS 172	Fonte de Raimonda	41°19'08.8"	08°19'28.9"	Fonte de mergulho	Ind.	
LUS 176	Fonte da Cachadinha	41°19'50.7"	08°18'06.5"	Fonte de bica	anterior a 1946	

**Tabela 1** Caracterização das Estruturas de Abastecimento de Água da freguesia de Lustosa.

das sedes dos concelhos (...)" (*AML, Circular n.º 12/65 de 14.12.1965*).

No entanto, e pese embora o seu aspeto singelo e despretensioso, de entre o conjunto de estruturas de abastecimento de água existentes na freguesia de Lustosa, sem dúvida que as mais antigas, porque balizam caminhos e unidades agrárias medievais, são as fontes de Carcavelos, d'Agrela, São Gonçalo e Raimonda, na zona ocidental da freguesia, e as fontes do Franco e São Mamede, na zona oriental do mesmo território. Finalmente, recordando o ambiente de certa sacralidade que persiste em alguns destes locais, uma derradeira nota para a Fonte das Quintãs, pelo facto de ostentar na padieira que encima a bica, um cruciforme latino destinado, sem dúvida, a acobertar num aro sacro a água e os que dela dependem.

## Bibliografia

- AML\_Arquivo Municipal de Lousada. *Circular n.º 12/65 de 14.12.1965*. Direção Geral dos Serviços de Urbanização do Distrito do Porto. Porto (2f).
- AML\_Arquivo Municipal de Lousada. *Relação das Fontes deste Concelho de Lousada*. 1990. (8f).
- AML\_Arquivo Municipal de Lousada. *Beneficiação de Fontes Públicas - 1966*. Direção Geral dos Serviços de Urbanização do Distrito do Porto. Porto (2f).
- Capela, V.J.; Matos, H. e Borralheiro, R. (2009). *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
- Chevalier, J. e Gheerbrant, A. (2010). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema
- Matilla, G.; Egea, A. e Gallardo, J. (2005). A sacralidade das águas. O caso dos santuários romanos de Fortuna (Múrcia). In *AQUA ROMANA, Técnica Humana e Força Divina*, p.163-177.
- Lemos, J.M.O. (2004). *Fontes e Chafarizes de Coimbra*. Câmara Municipal de Coimbra.
- Nunes, M & Lemos, P. (2013). *Lustosa, Património e Identidade*. JF Lustosa. Lousada.
- Portugal. Ministério das Obras Públicas (1966). *Plano de obras públicas comemorativo: 1966*. (1 e 2). [S.l.]: Ministério das Obras Públicas, Lisboa.